

ENTRE PELE E PALAVRA: O CORPO FEMININO COMO TERRITÓRIO DE ESCRITA E APRENDIZAGEM

Entre Piel y Palabra: el Cuerpo Femenino como Territorio de Escritura y Aprendizaje

Adriano Gonçalves da Silva¹

Ana Cecília Estevão²

Resumo: Este estudo analisa como as escrevivências corporais produzem sentidos sobre os corpos e seus atravessamentos de gênero, raça e sexualidade em processos formativos, a partir de narrativas de estudantes de pós-graduação. Fundamentado nos Estudos Culturais, o trabalho adota abordagem qualitativa de caráter interpretativo. O corpus é composto por 13 escrevivências produzidas no contexto da unidade curricular “Corpo, Cultura e Educação”. A produção dos dados ocorreu por meio da proposição da escrevivência corporal como dispositivo pedagógico e analítico. O processo de análise envolveu leitura exploratória, organização temática e interpretação dos sentidos produzidos nas narrativas. Os resultados indicam que a escrita de si, ancorada nas experiências corporais, mobiliza memórias marcadas por dores, traumas e interdições, especialmente relacionadas ao corpo feminino, à racialização e às normas sociais. Evidenciam ainda que essas narrativas operam como espaço de elaboração crítica das experiências vividas, possibilitando a construção de estratégias de resistência. Conclui-se que a escrevivência corporal constitui uma ferramenta potente para a análise das relações entre corpo, cultura e educação, contribuindo para práticas formativas mais sensíveis às subjetividades.

Palavras-chave: Corpo. Cultura. Educação. Mulher. Escrevivência.

Resumen: Este estudio analiza cómo las escrevivencias corporales producen sentidos sobre los cuerpos y sus intersecciones con el género, la raza y la sexualidad en procesos formativos, a partir de narrativas de estudiantes de posgrado. Fundamentado en los Estudios Culturales, el trabajo adopta un enfoque cualitativo de carácter interpretativo. El corpus está compuesto por 13 escrevivencias producidas en el contexto de la asignatura “Cuerpo, Cultura y Educación”. La producción de los datos se llevó a cabo mediante la proposición de la escrevivencia corporal como dispositivo pedagógico y analítico. El proceso de análisis incluyó lectura exploratoria, organización temática e interpretación de los sentidos producidos en las narrativas. Los resultados indican que la escritura de sí, anclada en las experiencias corporales, moviliza memorias marcadas por dolores, traumas e interdicciones, especialmente relacionadas con el

¹ Doutor em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e membro do Oricolé - Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer - UFMG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1900-2853>. Contato: adrigonss@yahoo.com.br.

² Doutoranda em Educação pelo CEFET-MG (2024). Mestre em Engenharia Civil pelo CEFET-MG (2011). Especialista em Metodologias Ativas para a Educação pela PUC Minas (2023) e em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica pelo CEFET-MG (2021). Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-6833-1097>. Contato: anacestevao@yahoo.com.br.

cuerpo femenino, la racialización y las normas sociales. Asimismo, evidencian que estas narrativas operan como un espacio de elaboración crítica de las experiencias vividas, posibilitando la construcción de estrategias de resistencia. Se concluye que la escrevivencia corporal constituye una herramienta potente para el análisis de las relaciones entre cuerpo, cultura y educación, contribuyendo a prácticas formativas más sensibles a las subjetividades.

Palabras clave: Cuerpo. Cultura. Educación. Mujer. *Escrevivencia*.

1 Corpo, cultura e educação

Este estudo surge a partir de uma experiência pedagógica realizada na unidade curricular “Corpo, Cultura e Educação” ministrada em um curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Ensino de Ciências Humanas e Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Esse curso visa atuar no âmbito da formação continuada de professoras/es da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, bem como de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, construindo um espaço destinado ao desenvolvimento da compreensão da prática docente frente aos desafios que a realidade contemporânea lhes impõe.

A proposta do curso está pautada na potencialização do diálogo interdisciplinar, estabelecendo um currículo que busca promover o desenvolvimento de saberes e práticas conjuntas que se fecundam reciprocamente em um movimento que atravessa os saberes, constituindo um entrecruzamento epistemológico. Dessa forma, o currículo do curso pressupõe que em oposição às pedagogias sólidas e conteudistas, as atuais demandas sociais exigem das/os docentes uma postura distinta que implica em novas aprendizagens, em alteração de concepções, e na construção de um novo sentido ao fazer docente (Diesel; Baldez; Martins, 2017). Para tal, as unidades curriculares que compõem o curso contemplam estudos sobre a educação e sua relação com a pesquisa científica, as metodologias de ensino, a filosofia, a sociologia, a história, a linguística, o letramento digital, a corporeidade, a sustentabilidade e a história oral.

Nesse contexto, o lugar do corpo no processo de ensino e aprendizagem ganha espaço na unidade “Corpo, Cultura e Educação” que propõe analisar a construção social e cultural das concepções de corpo e sua relação com as práticas educativas. Busca-se fazer oposição ao discurso dualista presente na educação que reforça a contradição entre mente e corpo. Esse discurso potencializa uma pedagogia do silêncio dos corpos que coloca em evidência a atividade mental enquanto controla e marginaliza as vivências corporais (Ribera, 2017). Na perspectiva proposta pela unidade curricular, o corpo, as manifestações corporais e as dimensões de etnia, gênero e sexualidade que o atravessam são centrais nos diálogos sobre a educação e os métodos de ensino e aprendizagem. As experiências vividas nos corpos são compreendidas como essenciais para a reflexão, desconstrução e reconstrução das formas de ensinar e aprender que foram historicamente estabelecidas.

Assim, foi proposto para estudantes do curso o exercício de uma escrevivência corporal, assim chamada por ser uma escrita que tem a vivência corporal como centralidade. Ou seja, buscou-se, a partir da própria história e da vivência, refletir o corpo, sua relação com os contextos histórico-culturais e as dimensões da etnia, gênero e sexualidade. A escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo (2018), tem uma perspectiva decolonial em que a prática literária é concebida como produção de conhecimento teórico e reflexão sobre problemas de interesse humano, histórico e científico, incluindo os aspectos políticos da língua (quem escreve/ como escreve / de onde escreve). Com isso, as escrevivências se inserem em pensamentos e lutas, sem compromisso com a neutralidade, porém com palavras escolhidas que

retratam histórias de vida, desafios, corpos violados e subalternizados em uma mistura poética e denunciativa (Rocha; Azevedo, 2021).

No campo educacional, as escritas de si têm sido mobilizadas como dispositivos que articulam experiência e produção de conhecimento, permitindo a construção de narrativas que conectam trajetórias individuais a processos sociais mais amplos (Delory-momberger, 2008; Passegi; Souza; Vicentini, 2011). Nessa direção, a escrevivência contribui com esse debate ao incorporar explicitamente as dimensões de raça, gênero e memória, constituindo-se como prática epistêmica situada.

Além disso, ao considerar o corpo como categoria analítica, este estudo dialoga com perspectivas que compreendem a corporeidade como construção social e cultural, atravessada por relações de poder (Le Breton, 2010; Louro, 1997). Tais abordagens tensionam modelos universalizantes e evidenciam a centralidade das experiências corporais nos processos educativos.

Diante disso, este estudo analisa como as escrevivências corporais produzem sentidos sobre corpo, gênero, raça e sexualidade em processos formativos, a partir das narrativas de estudantes de pós-graduação. Insere-se no campo da pesquisa qualitativa, com abordagem descritiva e interpretativa, ancorada nos Estudos Culturais que não apresentam marcadamente nenhuma metodologia distinta, nenhuma análise estatística, etnometodológica ou textual singular que possam reivindicar como sua. Contudo, a metodologia desses estudos pode ser compreendida como uma bricolagem que utiliza aquilo que serve para apontar um caminho e as condições para que algo novo seja produzido. Nesse processo, a escolha de práticas de pesquisa depende das questões que são feitas, e estas, por sua vez, dependem de seu contexto (Nelson; Treichler; Grossberg, 2009).

A abordagem adotada dialoga com perspectivas que compreendem o processo investigativo como interpretativo e situado, no qual o pesquisador atua na produção e análise dos dados (Denzin; Lincoln, 2006). Nesse sentido, as escrevivências são compreendidas como narrativas que expressam experiências socialmente construídas, permitindo acessar processos de significação.

O corpus analítico foi composto por 13 escrevivências corporais produzidas por estudantes mulheres no contexto da unidade curricular “Corpo, Cultura e Educação”. A produção dos dados ocorreu por meio da proposição pedagógica da escrevivência corporal como dispositivo de produção de narrativas sobre experiências corporais, durante o ano de 2024. Mais do que uma atividade didática, a escrevivência foi mobilizada como estratégia metodológica para acessar os sentidos atribuídos pelas participantes às suas vivências.

O processo analítico foi conduzido em três etapas: (a) leitura exploratória dos textos, com identificação de recorrências temáticas; (b) organização dos dados em eixos analíticos, especialmente relacionados a gênero, raça/etnia e sexualidade; e (c) interpretação dos sentidos produzidos nas narrativas, em diálogo com o referencial teórico dos Estudos Culturais.

Essa perspectiva nos estimulou a compreender a análise das escrevivências com um processo de produção dos dados, entendendo que não se trata de uma coleta de dados, mas de sua produção, realizada a partir da leitura, releitura, montagem, desmontagem e remontagem desses textos. A dimensão descritiva da análise visou dar conta do que foi narrado pelas estudantes, enquanto a dimensão interpretativa se deu por meio das interrogações e reflexões em face dos discursos e da literatura. Sob esse prisma, as escrevivências são mobilizadas como forma de dialogar com as experiências corporais das estudantes que são professoras em processo de formação.

A escrevivência, compreendida como prática que articula experiência, memória e produção de sentidos, exige uma postura ética que reconheça as participantes como sujeitas de conhecimento, e não como meras fontes de dados. Nesse sentido, a análise buscou preservar a complexidade das narrativas, evitando reducionismos e respeitando os contextos nos quais foram produzidas. Tais cuidados reforçam o compromisso deste estudo com uma pesquisa ética, sensível e responsável no campo das escritas de si.

Diante desse contexto, este estudo investiga como as escrevivências corporais, enquanto prática formativa e dispositivo analítico, possibilitam a produção de sentidos sobre o corpo em sua articulação com gênero, raça e sexualidade. Ao fazê-lo, busca contribuir para o debate sobre metodologias sensíveis na formação docente e para o campo das escritas de si na educação.

2 Escrevivências corporais: escrever sobre o que está inscrito no corpo

O termo escrevivência, de Evaristo (2018), refere-se à escrita em consonância com suas experiências cotidianas que se entrelaçam e se confundem. A autora nasceu em Belo Horizonte, oriunda de família de mulheres negras que ganharam a vida como faxineiras, cozinheiras e empregadas domésticas, revelando-se no cenário literário pós-moderno como uma das mais importantes escritoras negras do Brasil. Sua literatura apresenta uma postura lírico-poética, transitante entre ficção e realidade, poesia e militância política (Oliveira; Sampaio, 2022).

Evaristo (2018) afirma que escrever sua obra *Becos da Memória* foi um ato de perseguir uma escrevivência, buscando a primeira narração, a voz, a fala de quem conta, para se misturar à sua. Nesse sentido, de acordo com Martins e Martins (2020, p. 536), a perspectiva da escrevivência “elege os domínios da experiência, do tempo e da memória, realocando a linguagem para outro tipo de relação com o corpo, ligando-os de maneira intersubjetiva. Assim, o ponto de vista nessa dimensão da escrita é orgânico e visceral para a sua composição, tendo a vivência corporal como enfoque que dá valor à escrita.

Reconhecemos aqui, ao tratar de uma escrevivência corporal, a importância da relação que professoras em formação estabelecem com seus próprios corpos para que se possa refletir as interlocuções entre corpos, cultura e educação. O corpo é o primeiro a chegar, é ele que reflete a cor e é por ele que perpassam as opressões de raça. É ele que reflete o gênero, bem como é nele que se inscrevem as marcas das sexualidades subalternizadas. É ele que recebe o olhar, o julgamento, o desprezo e o assédio. Nessa dimensão, concordamos com Martins e Martins (2020, p. 535), quando afirmam que “o corpo fala e é discurso político, afetivo e performático. Sendo também discurso, tanto a leitura quanto a escrita são atravessadas pelo corpo e pelo contexto que o envolve”.

Dessa forma, a fala sobre si e sua singularidade, presente na escrevivência, evoca um “nós”, uma coletividade. Ademais, ainda que a escrevivência tenha sido cunhada por Evaristo (2018) para trazer à tona narrações de si de mulheres negras, os diferentes modos de usar escrevivência no âmbito acadêmico, como virada epistêmica, abrangem corpos de pretas, bichas, sapatões, travestis, dentre outros (Lima, 2024). Nessa perspectiva, Bispo (2023) destaca a escrevivência como metodologia de pesquisa em psicanálise, evidenciando possibilidades de trazer as temáticas do racismo e do sexismo em primeiro plano e escutar experiências vividas que se contrapõem aos enquadres coloniais do saber e do ser. No mesmo horizonte, Silva, Doris e Silva (2023), ao trabalharem com as trajetórias de pesquisadoras/es negras/os, buscam na escrevivência uma rota de fuga para a academia que possibilita a inserção de saberes ditos subalternizados num espaço de dimensão epistêmica do poder.

A escrevivência aqui é evocada primeiramente como metodologia de ensino sobre o corpo, em que o professor da unidade curricular “Corpo, cultura e educação” se coloca em escrevivência a partir de sua experiência como sujeito-corpo negro, gay e cisgênero. Essa experiência foi compartilhada com as estudantes que foram encorajadas a “escrever”, trazendo suas vivências corporais como conhecimento-emancipação, inserido no currículo acadêmico. Assim, este texto não tem compromisso com o afastamento entre o corpo de quem pesquisa e os corpos daquelas que falaram de suas vivências. Colocamo-nos aqui, como Gomes Filho, Nunes e Lavor Filho (2021, p. 128) apontam, em condição de experiência compartilhada “em que somos atravessadas/os e transformadas/os, é uma experiência desafiadora que rompe com a lógica empírica de distanciamento entre quem pesquisa, o sujeito a ser pesquisado e o tema de estudo”.

Entretanto, considerando que as escrevivências mobilizam memórias sensíveis e experiências corporais marcadas por dimensões subjetivas e sociais, adotou-se o cuidado de garantir o anonimato das participantes, mediante a supressão de elementos que possibilitassem sua identificação. Além disso, as narrativas foram utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, respeitando sua integridade e evitando interpretações que pudessem expor ou vulnerabilizar as autoras.

O grupo que compartilhou suas experiências é formado por mulheres adultas, com idade entre 35 e 55 anos, em sua maioria casadas e mães, de diferentes identidades étnico-raciais, moradoras da cidade de Curvelo, em Minas Gerais, localizada na região central do estado, com cerca de 83.000 habitantes. Essas mulheres dividem seu tempo entre a família, a atuação profissional na docência ou serviço social, o curso de pós-graduação e, em alguns casos, uma segunda graduação. A pós-graduação representa para elas uma oportunidade gratuita de investir na formação e de ampliar as expectativas profissionais.

Nas próximas linhas, dialogamos com as escrevivências corporais dessas mulheres, que serão nomeadas em forma de homenagem a 13 mulheres cientistas brasileiras. São elas: Berta Lutz (Ciências Naturais), Eliza Frota Pessoa (Física), Graziela Maciel Barroso (Botânica), Lélia Gonzalez (Antropologia), Maria José Deane (Ciência Médica), Enedina Alves Marques (Engenharia), Nise da Silveira (Psiquiatria), Marta Vannucci (Oceanografia), Anita Canavarro Benite (Química), Márcia Barbosa (Física), Vivian Miranda (Astronomia), Débora Diniz (Antropologia) e Jaqueline Goes de Jesus (Patologia Humana).

3 Corpos femininos, relações de raça/etnia, gênero e sexualidade

Relatar a própria história, tendo como cerne a experiência corporal como forma de estudo sobre o corpo, apresentou-se para essas mulheres como um desafio por acessar dores, traumas e questões que, muitas vezes, elas buscavam não se lembrar. Dessa forma, o exercício da escrevivência corporal foi provocador por trabalhar com as relações estabelecidas com o corpo, os sentidos e as emoções relacionadas às vivências corporais experienciadas no âmbito da família, na escola, no trabalho, na religião e nas relações afetivas. Assim, a escrita foi feita entre pausas, reflexões e choros:

Falar sobre mim, nem sempre é fácil, sobretudo quando envolve as "feridas" do meu corpo que foram me marcando ao longo da minha história (Elisa).
Reviver momentos de minha vida é no mínimo desconfortável, mas ainda assim escreverei um pouco sobre mim a partir dos lapsos de lucidez das coisas que vivi e que me vêm à memória (Lélia).

Neste momento que parei para escrever uma pequena parte da história da minha vida foi só choro. Lembrar de todas essas vivências não me fez bem, mas é importante pois buscamos a essência e ensinamentos que são importantes para toda uma vida. Quando me deparo em pensamentos sobre mim, penso eu que poderia ter sido diferente, mas ao mesmo tempo vejo que não tive estrutura familiar suficiente que me levasse ao caminho certo (Marta).

As diferentes vivências e trajetórias narradas tratam de particularidades constituídas pelas multiplicidades que atravessaram esses corpos. Entretanto, esses caminhos também se cruzam, contam histórias em comum, enfrentam desafios cotidianamente colocados aos corpos femininos.

A relação com a figura paterna é um desses lugares de encontro entre as diferentes escrevivências corporais, pois apesar da legislação brasileira tratar do princípio da paternidade responsável, com a isonomia entre os papéis de pais e mães e especial proteção conferida à criança e ao adolescente, a realidade demonstra um outro contexto. Além do afastamento dos pais das tarefas de cuidado, inclusive das/os filhas/os, a ruptura do relacionamento amoroso ou conjugal, muitas vezes, vem acompanhada do abandono parental, especialmente do abandono paterno (Souza; Reis, 2021). As narrações de Elisa, Graziela, Lélia e Marta destacam esse posicionamento do pai machista, violento ou ausente.

Meu pai, um homem rústico e totalmente machista [...] (Elisa).

Meu pai colocou a mim e minha mãe para fora de casa (Graziela).

Meu pai nunca pagou pensão [...] (Lélia).

Filha de um pai austero, agressivo, machista. Cresci num lar violento em que nada era permitido [...] (Márcia).

Nesse contexto, as mães assumiram o lugar de proporcionar aquilo que as figuras masculinas não deram conta, seja por causa do abandono, seja por causa do alcoolismo. Repetindo, assim, um trajeto de muitas mulheres brasileiras que, apesar do desprestígio social, assumem unilateralmente a guarda das/os filhas/os, convivendo com o distanciamento progressivo dos pais e os impactos financeiros do abandono paterno (Souza; Reis, 2021).

Minha mãe trabalhava arduamente para nos dar tudo que meu pai considerava supérfluo (Márcia).

Mas, como ela sempre foi uma mulher de muita garra e fé, fomos superando as adversidades (Elisa).

Sou filha de [...], formada professora, uma mulher forte que enfrentou a vida sozinha para criar seus três filhos, casada com meu pai [...], uma pessoa boa, mas que ao passar do tempo na vida se tornou um alcoólatra, no qual minha mãe teve que cuidar de nós sozinha (Marta).

No entanto, no desafio do abandono, nem sempre a mãe conseguiu manter a “garra”, a força que se esperava. Na vivência de Lélia, o abandono do pai desestabiliza a mãe que busca cuidar da filha, tendo dificuldades de cuidar de si:

Então ele (o pai) se foi, e a partir de então minha mãe fez do álcool seu confidente, seu amigo e sua companhia diária, e foi aí que minha vida mudou [...]. O consumo do álcool aumentava dia após dia, era o tempo de eu dormir e minha mãe saía para beber, e quando não se aguentava mais sobre as pernas retornava para casa cambaleando, mas sempre com um prato feito (PF) e um refrigerante para mim.

Ela me acordava nas madrugadas da vida para me fazer comer, tomar refrigerante e deitar novamente para dormir. Por inúmeras vezes, ao tentar me tirar do berço em que eu dormia, íamos as duas para o chão, pois ela mal se aguentava de pé, era um tombo para sair do berço e outro para entrar (Lélia).

Assim, essas mães humanamente oscilam entre a força e a fraqueza, contando com uma rede de apoio de amigos e familiares na criação das filhas. Se Conceição Evaristo (2018) fala da escrevivência como forma de trazer à cena o protagonismo das mulheres pretas, aqui as filhas Graziela, Lélia, Maria José, Marta, Anita e Débora ressaltam suas mães pretas, as adversidades e as estratégias elaboradas por elas.

Cresci ouvindo minha mãe contar sua história, ela, uma menina preta, pobre, sem acesso à educação, nascida numa família grande, eram treze filhos e segundo minha avó alguns ela os pariu embaixo de arbustos, minha mãe teve uma vida sofrida de lidas de roça. Desde muito pequena ela trabalhava em casas como babá e até de doméstica, para alcançar o fogão na hora de cozinhar ela subia no banquinho, comia quando davam e se sobrava (Lélia).

A questão da raça também perpassa os corpos de algumas dessas mulheres em função da cor da pele, da textura de seus cabelos e das implicações que isso trouxe desde a infância, na vivência escolar e até mesmo entre familiares. Contudo, a forma como a raça perpassa os corpos é diversa. Para Márcia, a sua cor entra em questão desde a sua infância devido ao contraste da clareza de sua pele com a negritude da mãe.

As primeiras lembranças são, apenas, lembranças de relatos. Nasceu de um corpo negro, mameluca, uma criança branca. Nasceu no conflito de uma relação, aquela que seria o elo, a razão, a desculpa a justificativa. Ser tão branca como meu pai foi troféu familiar, alívio para minha mãe que, afinal, se orgulhava de mesmo sendo negra, ter gerado uma filha branca. Ainda, que muitas vezes fosse confundida com a babá (Márcia).

Essa compreendida “vantagem” da pele clara encontra ressonância do conceito de colorismo. Segundo Devulsky (2021), uma espécie de competição entre pessoas negras claras e negras de pele escura foi estimulada pelos proprietários de pessoas escravizadas e, posteriormente, mesmo após a abolição, com a persistência de certas vantagens vivenciadas por pessoas negras oriundas da mestiçagem, ela perseverou. “Adentrando no seio das famílias, a introjeção do colorismo no modo como negros se relacionam trouxe efeitos deletérios no campo político e afetivo de sujeitos racializados” (Devulsky, 2021, p.12).

No caso de Vivian, por ter sido adotada por uma família branca, teve dificuldades em se reconhecer como uma pessoa negra. Enquanto os pais tratavam a questão como um segredo, as crianças com as quais ela se relacionava na escola a fizeram questionar a sua própria pele.

Aprendi cedo que meu corpo falaria e que as pessoas ao meu redor entenderiam coisas que ele já estava dizendo que nem eu mesmo entendia. Sou uma mulher negra, nascida em 02 de maio de 1983 que, ainda na tenra idade, foi abandonada pela mãe biológica e adotada por pais brancos. Essa diferença nos tons de nossas peles marcou minha vida por longos anos e, só depois de muito tempo, fui compreender que tudo isso era fruto de um preconceito (Vivian).

Assim, além da questão da adoção, a etnia e o gênero se entrecruzam nas vivências de Vivian, constituindo formas de ser um corpo de mulher negra em uma família branca. Além disso, outro ponto de encontro das trajetórias das mulheres escreviventes são as interdições sobre o corpo feminino. Desde cedo, Anita, Bertha, Débora, Elisa, Jaqueline, Lélia, Maria José e Nise se acostumaram às normas sobre seus corpos. Aprender como se vestir e comportar, fazer o trabalho doméstico, controlar sua sexualidade e não poder engordar estão entre as interdições impostas a seus corpos.

Nesse sentido, Márcia escreve sobre a sexualização de seu corpo e a cobrança pela fecundidade feminina:

Ao brincar no balanço com minha prima mais próxima, ela me perguntou se era verdade que eu havia menstruado e como era. Arrematou a conversa dizendo que ouviu dos tios e pais dela conversando que eu engravidaria muito rápido porque eu era sabida demais. Essa fala ficou em mim para sempre. Eu sabia o mesmo ou menos que todas, eu apenas falava. Um problema que ainda carrego (Márcia).
Depois que todas as minhas quatro primas mais velhas ficaram grávidas e se casaram, comecei a pensar que estava velha e ficaria para “titia”. Eu seria uma solteirona. (Márcia).

Enquanto Marta destaca a ligação do fato de ter menstruado precocemente, “ter virado uma mulher”, com a obrigação de assumir tarefas da casa, ainda que fosse uma criança.

Uma fase difícil de falar, mas é preciso pois me marcou muito, hoje vejo quão foi difícil essa passagem. Neste tempo vem as mudanças do corpo na primeira menstruação, crescimento dos seios, tudo estranho para uma menina que aos nove anos já tinha que aprender a cozinhar, cuidar da casa, levar o irmão para escola e fazer tudo como se ela fosse a mãe (Marta).

Assim, além das normas sobre como se constituir como mulher, as meninas deparam-se com cobranças estéticas sobre o corpo ideal que deveriam ter.

E neste momento me deparei com as dificuldades da vida, a gordura. Na família e na escola sempre vinha a minha referência acompanhados de vários apelidos. Como a baleia, testa de amolar machado, sua gorda. Isso se tornou então a minha maior dificuldade para encarar meu crescimento e apreciação do meu corpo. Sempre queria escondê-lo, através das camisetas, das calças e até mesmo não sair de casa com vergonha do meu peso (Marta).
Por ser uma criança obesa, era alvo de piadas, risos e apelidos maldosos, que prefiro não mencionar (Elisa).

Os corpos femininos que se colocaram em narração foram, em vários momentos, interditados, limitados e julgados em relação aos padrões impostos. Mas também buscaram rotas de fuga, formas de resistência ou outras maneiras de territorializarem-se, constituindo novas relações consigo e com os corpos com os quais relacionam-se. Para Márcia, transgredir passou a ser o seu não-lugar nas normas impostas sobre seu corpo:

No ensino médio fui maravilhosamente feliz! Eu era normalista linda numa turma de francês só de mulheres. Éramos todas transgressoras. Estudávamos na escola mais tradicional de BH, cheio de normas e tradições e vivíamos cada dia do ano letivo para burlar as normas e zombar das tradições (Márcia).
Uma mulher tatuada, com o cabelo exótico [...] (Márcia).

Enquanto para Márcia assumir uma estética e comportamento não usual foi sua forma de transgredir, Marta viu na performance artística, especificamente na dança, sua forma de superar os julgamentos sobre seu corpo:

Vi quando dançava não me importava com os olhares, eu só dançava e achava que era única naquele espaço. Então imagino eu que a dança pode fazer maravilhas com os nossos sentimentos relacionados ao corpo pois dançando me liberto de todas as preocupações se estou gorda ou se os olhares estão voltados para mim. Nem sempre é assim, mas na maioria das vezes dançando estou no meu mundo, achando-me a mulher mais linda (Marta).

Outras escrevintes descrevem o casamento heteronormativo como um outro lugar em sua trajetória. Mulheres que tiveram pais violentos, agressivos, machistas que buscaram em seus maridos uma outra relação com a figura masculina, uma forma de cura da relação com o masculino. Outras ainda buscam na relação com o sagrado, na fé religiosa, um outro caminho para a relação com o seu próprio corpo.

Me curei de tudo que sofri quando conheci Jesus (Graziela).
Minha fé moveu montanha e hoje eu sou uma mulher de estatura pequena e venci a obesidade. Deus me honrou de tanto pedir a ele. Acredito que a fé move montanhas e eu sou a prova de um milagre (Elisa).

Diante disso, compreendemos que os corpos das mulheres em escrevivência foram atravessados por diferentes forças. E que as rotas traçadas por elas, dependeram das condições em que cada uma se encontrava: das suas condições materiais, sociais, espirituais e psicológicas de enfrentamento. Nesse caminho de rememorar as dores do passado, as estudantes se colocaram a refletir sobre as marcas que perpassam seus corpos. Entretanto, o exercício da escrevivência também se colocou como prática libertadora, por ter permitido acessar experiências dolorosas, compreendê-las, elaborar estratégias de superação e resistência, e reelaborar a compreensão sobre a relação corpo, cultura e educação.

4 A escrita sobre o seu corpo como potência formativa e analítica

Michel Foucault dedicou parte de suas pesquisas à problematização das formas pelas quais os indivíduos se transformaram em sujeitos, isto é, como foram os processos de subjetivação histórica que possibilitaram o aparecimento e a modificação da subjetividade. (Foucault, 2009, 2011). Assim, o sujeito e as formas de subjetivação passaram a ser tematizados e problematizados como prática de uma escrita literária de si, que aparece como importante tema para a investigação do sujeito histórico por meio do questionamento das formas de produção e modificação das formas de subjetividade (Ragusa; Oliva, 2020).

Nesse sentido, compreendendo as escrevivências corporais como formas de problematizar os sujeitos, as relações com seus corpos e os processos de subjetivação, as análises das narrativas evidenciaram que as escrevivências corporais mobilizam memórias marcadas por experiências de dor, interdição e resistência, organizadas em torno de três eixos principais: relações familiares, racialização dos corpos e normatização do corpo feminino.

As narrativas indicam que a relação com a figura paterna emerge como elemento recorrente na constituição das experiências corporais, frequentemente associada a contextos de ausência, violência ou abandono. Em contrapartida, as mães aparecem como figuras centrais na

sustentação das trajetórias, ainda que atravessadas por condições de vulnerabilidade. Outro eixo relevante refere-se à racialização dos corpos, evidenciada nas narrativas que problematizam pertencimento, identidade e experiências de discriminação. As escrevivências revelam que a raça atravessa o corpo desde a infância, produzindo efeitos nas relações familiares, escolares e sociais.

As narrativas também evidenciam a incidência de normas sociais sobre o corpo feminino, relacionadas à sexualidade, aparência e comportamento. Essas normas operam como mecanismos de controle que produzem interdições, mas também provocam deslocamentos e formas de resistência. Apesar das experiências de dor, as escrevivências revelam-se como espaço de elaboração crítica, permitindo ressignificar trajetórias e construir estratégias de enfrentamento. Nesse sentido, a escrita de si opera como prática de resistência, ao possibilitar a produção de novos sentidos sobre o corpo.

Os resultados deste estudo evidenciam que a escrevivência corporal opera como dispositivo que articula experiência, memória e produção de sentidos, aproximando-se das discussões sobre escritas de si enquanto práticas formativas e investigativas. Nesse campo, autores destacam que a narrativa autobiográfica não apenas descreve experiências, mas produz conhecimento ao articular dimensões individuais e coletivas (Delory-momberger, 2008; Passegi; Souza; Vicentini, 2011).

Ao incorporar a dimensão corporal, a escrevivência amplia essas abordagens, evidenciando o corpo como espaço de inscrição de relações sociais. Essa perspectiva dialoga com estudos que compreendem a corporeidade como construção simbólica e política (Le Breton, 2010), bem como com abordagens que analisam os modos pelos quais gênero e sexualidade atravessam os processos educativos (Louro, 1997).

No âmbito dos Estudos Culturais, os resultados podem ser compreendidos à luz da noção de que os sujeitos produzem sentidos em contextos marcados por relações de poder, sendo atravessados por discursos que regulam suas experiências (Hall, 2006). Assim, as escrevivências revelam não apenas trajetórias individuais, mas processos sociais mais amplos que configuram os corpos e suas possibilidades de existência.

Ademais, ao possibilitar a elaboração crítica das experiências vividas, a escrevivência corporal aproxima-se de perspectivas decoloniais que buscam tensionar epistemologias hegemônicas e valorizar saberes situados (Kilomba, 2019). Nesse sentido, a escrita de si emerge como prática de resistência, ao permitir que sujeitos historicamente subalternizados produzam narrativas sobre si e seus corpos. Esses achados reforçam a importância de metodologias sensíveis na formação docente, capazes de acolher as experiências dos sujeitos e promover processos reflexivos. A escrevivência corporal, ao articular experiência e análise, contribui para a construção de práticas pedagógicas mais críticas e inclusivas.

5 Apontamentos para reflexão final

Este estudo evidenciou que as escrevivências corporais constituem um dispositivo potente para a análise das relações entre corpo, cultura e educação. Ao mobilizar narrativas sobre experiências vividas, essas práticas possibilitam a produção de sentidos que articulam dimensões individuais e coletivas.

Os resultados indicam que a escrita de si, quando ancorada nas experiências corporais, favorece processos de reflexão crítica, contribuindo para a elaboração de estratégias de resistência frente às normas sociais que regulam os corpos. Conclui-se que a escrevivência

corporal não se limita a uma prática pedagógica, configurando-se também como abordagem metodológica relevante para pesquisas no campo educacional, especialmente no âmbito das escritas de si.

Referências

BISPO, Fábio Santos. *Escrevivência como metodologia de pesquisa em psicanálise*. **Ágora**. Rio de Janeiro. v. 26, 2023.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação**. Figuras de l'indivíduo-projeto. Trad. Maria da Conceição Passeggi, João Gomes Neto, Luis Passeggi. São Paulo: Paulus; Natal, RN: EDUFRN, 2008.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, 432 p.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Thema**, v. 14, n. 1, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; NUNES, Larissa Ferreira; LAVOR FILHO, Tadeu Luca. A escrevivência do corpo na composição de experiências de dissidências de gênero decoloniais. **Bagoas**, v. 14, n. 22, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: https://leiaarqueologia.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf. Acesso em: 23 mar. 2026.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/wp-content/uploads/sites/146/2023/04/KILOMBA-Grada-Memorias-da-Plantacao-Livro.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2026.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LIMA, Maurício Barbosa. *Escrevivência sobre corpo, dança e(m) educação no cenário acadêmico brasileiro*. **Revista Científica de Artes/FAP**, v. 28, n.1, 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lobes-louro.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2026.

MARTINS, Waleska Rodrigues de Matos Oliveira; MARTINS; Sérgio Ricardo Oliveira. **Corpos em escrevivência: uma reflexão sobre o corpo e outras estratégias de resistência**. REVELL, v.1, n. 24, 2020.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 7-38.

OLIVEIRA, Marcelo de Jesus; SAMPAIO, Juliano Cassimiro Camargo. **Escrevivência: um conceito em expansão**. Revista Porto das Letras, v.8, n. 4, 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369–386, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hkW4KnyMh7Z4wzmLcnLcPmg/?lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2026.

RAGUSA, Pedro; OLIVA, Alfredo dos Santos. Subjetividade, individuação e escrita de si: aproximações teóricas entre Michael Foucault e Carl Gustav Jung. **Revista de Teoria da História**, v. 23, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/64279/36665>. Acesso em: 30 mar. 2026.

RIBERA, Jordi Planella. **Corpo, cultura e educação**. Marília: Oficina Universitária, 2017.

ROCHA, R. M.; AZEVEDO, P. B. O narrar sobre si e a escrevivência: o lugar da escrita autobiográfica em pesquisa sobre formação de professoras negras. **Inter-Ação**, Goiânia, v.46, n.3, p. 1345-1359, set./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/68429/37762>. Acesso em: 23 mar. 2026.

SILVA, Adriano Gonçalves; DORES, Lucilene Alencar; SILVA, Alysson dos Anjos. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 10, n.3, p. 3-20, set./dez., 2023.

SOUZA, Paloma Braga Araújo; REIS, Fabrina Umbelina Macedo. Um olhar feminista sobre o exercício da parentalidade após separação: assimetrias, estereótipos e abandono paterno. **Revista Conversas Civilísticas**, Salvador, v. 1, n. 1, jan./jun. 2021.

Recebido em março de 2026.

Aprovado em junho de 2026.